

**16 de Dezembro de 2018**  
**Meditação 3.º Domingo do Advento, Ano C**



Encontramos de novo a figura de João Baptista neste 3.º Domingo do Advento. A sua pregação nas margens do rio Jordão suscita um desejo de conversão em muitos (Lc. 3,10-14) e uma pergunta parece nascer nos corações: o que é preciso fazer para se ter uma vida boa? O que posso fazer eu, pela minha vida?

Os que se fazem esta pergunta são pessoas muito diversas. Um novo desejo de vida nasce neles, de acordo com as suas situações. E a resposta será de cada vez diferente e, assim, apropriada a cada um.

A questão é posta pela multidão, (Lc 3,10) pelos colectores de impostos (Lc 3,12), pelos soldados (Lc 3,14). E parece-nos também poder sentir o seu espanto quando percebem que para eles também existe salvação. Ninguém é excluído. Isto é reforçado pela citação do profeta Isaías que ouvimos no Domingo passado: "toda a carne verá a salvação de Deus" (Lc. 3,6). Esta foi a palavra que desceu sobre João e o fez proclamar no deserto o perdão dado a todos.

As respostas dadas por Baptista aos que o interrogavam têm em comum o levar ao encontro do irmão. "Não exijam mais do que o que foi estipulado" (Lc. 3,13) ... "não pratiquem extorsão nem acusem ninguém" (3,14). É assim pedido que os caminhos que levam ao outro sejam abertos, que se eliminem as injustiças, que se não faça o mal, que se não utilizem os outros

para bem próprio. Pede que se partilhe o que se têm, convidando os que têm menos. O que parece ser evidente.

Dito de outra forma, Baptista afirma que a conversão não se realiza de uma forma ritual. Os sacrifícios oferecidos no templo e as peregrinações não são suficientes. A verdadeira peregrinação, a que devemos fazer é a que nos leva ao outro, a partir do lugar em que ele está. E é precisamente aí que o Senhor vem, no caminho que ele percorre para chegar à vida do homem.

Quando isto acontece, então a visão profética do mundo, que Isaías tinha entrevisto, começa a tornar-se realidade. Nesta visão, o mundo deveria passar por uma transformação total. Tudo o que impedisse o encontro dos homens entre eles e com Deus (montanhas, vales e vias tortuosas) seriam eliminados para que o encontro se pudesse dar.

Porque se Deus vier isso conduzirá a que os homens se vejam como irmãos e um novo estilo de relação nasce.

Na segunda parte do Evangelho, hoje ouvido, (Lc. 3,15-18), o evangelista aponta um outro fruto da pregação de João: a espera. "O povo estava à espera" (Lc 3,15-18). Assim a missão de João não é só ajudar as diferentes categorias de pessoas a viver em paz entre eles. Isto seria já muito. Mas na realidade há ainda mais. Jesus suscita uma esperança lá onde toda a esperança tinha esmorecido ou mesmo desaparecido. Num contexto em que as pessoas não esperam mais nada e se tinham mesmo resignado a viver só no presente, com o peso da injustiça e da fadiga, um homem, que deixa emergir nele a Palavra de Deus, tornou-se capaz de acordar a espera do outro. Ele é capaz de os lembrar que nós não somos apenas feitos para esta terra, que o homem vive do seu encontro com Deus.

Para muitos, este encontro podia terminar com a figura de João: todos, com efeito, "perguntavam a si próprios se João não era Cristo" (Lc. 3-15). Mas a resposta de João faz nascer no coração de todos uma esperança que vai mais além: o Messias quando vier será muito mais do que ele e que será difícil de reconhecer inclusivamente para o próprio João. Este último viverá igualmente este drama em não conseguir manter a distância a diferença entre o que ele esperava e este Jesus que surge diante dele: "João o Baptista enviou-nos para te perguntarmos;" és tu aquele que deve vir ou temos de esperar por outro?" (Lc. 7,20; cf. Mt 11.3).

É por esta razão que é preciso estarmos todos vigilantes. E não somente por não sabermos nem o dia nem a hora. Mas também (e talvez ainda mais) porque o que nos será dado ultrapassará, em muito, aquilo porque esperamos. Tratar-se-á de amar esta dádiva ultrapassando as nossas esperanças, deixar que ela nos leve ao largo, aí onde nunca pensámos ir.

Esta esperança, para ser real, tem de ser uma esperança infinita e de eternidade.

+Pierbattista